

DOU (189)  
01-10-97  
KXD00050  
Sec 1  
21.836-8

## FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO

DESPACHO DO PRESIDENTE  
Em 29 de setembro de 1997

Nº 55-

Assunto: Processo FUNAI/BSB/1445/96. Referência: Terra Indígena KAXINAWÁ DA PRAIA DO CARAPANÁ. Interessado: Grupo Indígena Kaxinawá. EMENTA: Aprova o relatório circunstanciado de identificação e delimitação da Terra Indígena em que se refere, com fulcro no Decreto nº 1.775, de 8 de janeiro de 1996.

O PRESIDENTE DA FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO - FUNAI, tendo em vista o que consta no Processo FUNAI/BSB/1445/96, e considerando o Resumo do Relatório de Identificação, de autoria dos antropólogos Terri Valle de Aquino e Marcelo Piedrafita Iglesias que acolhe, face as razões e justificativas apresentadas, decide:

1. Aprovar as conclusões objeto do citado resumo para afinal, reconhecer os estudos de identificação da Terra Indígena KAXINAWÁ DA PRAIA DO CARAPANÁ, de ocupação do respectivo grupo tribal Kaxinawá, com superfície e perímetro aprovados de 61.307 hectares e 173,3 km respectivamente, localizada no município de Tarauacá, Estado do Acre.

2. Determinar a publicação no Diário Oficial da União e Diário Oficial do Estado do Acre, do Resumo do Relatório Circunstanciado, Memorial Descritivo, Mapa e Despacho, na conformidade do § 7º do art. 2º do Decreto nº 1.775/96.

3. Determinar que a publicação referida no item acima, seja afixada na sede da Prefeitura Municipal da situação do imóvel.

SULIVAN SIVESTRE OLIVEIRA

### RESUMO DO RELATÓRIO DE IDENTIFICAÇÃO E DELIMITAÇÃO DA TERRA INDÍGENA KAXINAWÁ DA PRAIA DO CARAPANÁ

Referência: Processo FUNAI/BSB/1445/96. Terra Indígena: Kaxinawá da Praia do Carapaná. Localização: Município de Tarauacá, Estado do Acre. Superfície: 61.307 hectares. Perímetro: 173,3 km. Sociedade Indígena: Kaxinawá. Família lingüística: Pano. Língua: Hätxa Kuin. População: 260 (1996). Identificação e delimitação: GT PP 1.204/93, coordenado pelo antropólogo Terri Valle de Aquino.

#### DADOS GERAIS

Os Kaxinawá constituem hoje a maior população indígena do Acre. Distribuída pelos rios Breu, Jordão, Tarauacá, Murú, Humaitá, Envira e Purus, no lado brasileiro, conta também com bom número de aldeias no alto rio Purus, em território peruano. Com uma população estimada em 3.632 índios no Acre, os Kaxinawá representam 46% do total dos índios deste estado. A Terra Indígena Kaxinawá da Praia do Carapaná extrema com a Terra Indígena Rio Gregório, já regularizada, que, por sua vez, faz limites com a Terra Indígena Kampa do Igarapé Primavera.

Antes da chegada das frentes extrativistas da borracha e do caucho à Amazônia ocidental brasileira, os Kaxinawá espalhavam-se por uma vasta área territorial, habitando aldeias e malocas situadas nos principais afluentes da margem direita do alto rio Juruá, tais como: os rios Envira, Tarauacá, Murú, Iboiaçu, Gregório e Liberdade.

A implantação da empresa seringueira no vale do rio Tarauacá ocorreu a partir das últimas duas décadas do século passado, com a maciça importação de mão-de-obra do Nordeste, coincidindo com a passagem de outra frente composta por caucheiros peruanos do Alto Ucayalli. Os primeiros encontros dos Kaxinawá com os caucheiros e seringueiros foram marcados pelas "correrias", que tiveram como principais conseqüências para esta sociedade indígena: a) um forte decréscimo populacional, provocado pelos ataques armados e pela introdução de doenças contagiosas; b) a ampla dispersão de sua população para as terras firmes centrais e para as cabeceiras dos rios, procurando, nesta conjuntura inicial, manter distância dos seringais; e c) a instalação da matriz espacial e produtiva da empresa seringueira nas terras imemorialmente usadas para moradia, perambulação e suas principais atividades produtivas tradicionais (agricultura, caça, pesca e coleta).

Os Kaxinawá da Praia do Carapaná destacam que a inicial inserção de suas famílias no "cativeiro" dos padrões seringueiros ocorreu nos primeiros anos deste século, decorrendo das iniciativas do cearense Ângelo Ferreira, patrão que se estabeleceu na sede do seringal Cocameira, na margem direita do Tarauacá e, a partir daí, veio a controlar o comércio de borracha e de mercadorias em vários afluentes do alto Juruá. Ângelo Ferreira

arregimentou grupos familiares extensos Kaxinawá, Jamináwa, Arara, Katukina, Yawanawá e Kulina, que ali habitavam desde tempos imemoriais. Junto com seringueiros e alguns caucheiros, os Kaxinawá e essas outras populações passaram a trabalhar nos seringais do médio rio Tarauacá. Além do corte da seringa para a produção de borracha, desempenharam uma série de atividades indispensáveis ao funcionamento dos seringais, a saber, abertura e manutenção de estradas de seringa, cultivo dos roçados e canaviais, bateção de pastagens para o gado, transporte de borracha e mercadorias, retirada de madeira-de-lei e, ainda, fornecimento de caça e pesca para abastecimento dos barracões dos patrões. O assassinato de Ângelo Ferreira, em 1909, resultou na dispersão e fuga da maior parte dessa população, que se refugiou nas cabeceiras dos rios Gregório, Tarauacá, Acuráua, Envira, Murú, Iboiaçu, Humaitá e Jordão.

A especificidade dos grupos familiares Kaxinawá da Praia do Carapaná é que, desde então, continuaram habitando em vários seringais nativos do médio Tarauacá. Ao longo deste século, ocuparam colocações destes seringais, desenvolvendo atividades produtivas para a comercialização e a subsistência, bem como outras indispensáveis ao funcionamento da empresa seringueira. Eram categorizados como "caboclos", obrigados a pagar a "renda" pelo uso das estradas de seringa e viviam sob a "escravidão da dívida". Por desígnio dos patrões, estavam sujeitos a expulsões e freqüentes mudanças de colocação e seringal.

Este padrão de inserção dos grupos familiares Kaxinawá nos seringais do médio Tarauacá, por eles conceituado como o "tempo do cativeiro", permaneceu com poucas alterações até final da década de 80, mesmo com as diferentes conjunturas vividas pela economia da borracha na região, as transformações produtivas e comerciais havidas na empresa seringueira e a compra, em meados dos anos 70, de vários dos seringais incidentes na atual proposta de terra indígena pela Companhia Paranaense de Colonização Agropecuária e Industrial do Acre - PARANACRE.

DOU  
01-10-97

21.836

Esta histórica correlação de forças dos grupos familiares Kaxinawá com os proprietários de seringais sofreu lentas modificações a partir de meados da década de 80. Nos últimos dez anos, os Kaxinawá começaram, através de mobilizações locais, a resistir aos processos de expulsão, questionar o pagamento de renda das estradas, abrir novas colocações, ocupar estradas de seringa e comercializar suas produções de forma mais autônoma. Através de suas lideranças, professores e agentes de saúde, os Kaxinawá da Praia do Carapanã passaram a ser representados junto à FUNAI, movimento indígena regional e a outras entidades de apoio, pleiteando a regularização das terras que tradicionalmente habitam. A partir de 1987, os Kaxinawá receberam projetos econômicos de órgãos governamentais (FUNAI, SUDHEVEA, BNDES) e assessoria de organizações indígenas e indigenistas do Acre. Desde 1988, têm implementado programas produtivos, educacionais e de saúde. A identificação de sua terra, em 1994, representou para os Kaxinawá do médio rio Tarauacá o ingresso no "tempo dos direitos", através do reconhecimento das terras e seringais que ocupam desde tempos imemoriais e que, hoje, constituem patrimônio imprescindível à sua reprodução física e cultural deste povo indígena.

#### HABITAÇÃO PERMANENTE

Desde início do século, com a implantação dos seringais no rio Tarauacá, os Kaxinawá foram obrigados a abandonar seu padrão tradicional de moradia e de organização política. Deixaram de habitar em suas antigas malocas, ou cupicháguas, que abrigavam grupos familiares extensos ligados por relações de consangüinidade, alianças matrimoniais e laços econômicos e políticos. A partir de sua inserção na matriz espacial e produtiva da empresa seringalista, as famílias Kaxinawá passaram a ocupar colocações, nas quais começaram a desempenhar um conjunto de atividades voltado para a subsistência e a obtenção de produtos comercializáveis. Os Kaxinawá mantêm hoje esses padrões de ocupação territorial, de moradia e de utilização produtiva da floresta nos seringais de sua terra.

Uma colocação é caracterizada espacialmente pela existência de uma clareira aberta na floresta, na qual é construído número variável de casas, ocupadas por um ou mais grupos familiares. Nessa clareira, que se espalha em torno das casas, fica disposto o terreiro, área de terra batida onde são cultivadas hortas suspensas, plantadas árvores frutíferas e ervas medicinais e, ainda, criados diferentes animais domésticos. Nas redondezas dos terreiros, abrangendo áreas de capoeiras, distribuem-se áreas de roçados novos e antigos, áreas de caça, de pesca e de coleta, estradas de seringa, bem com o rio e inúmeros igarapés. As matas dos fundos das colocações servem também como territórios de caça e de extração de amplo leque de produtos florestais.

Cada colocação comporta um conjunto de recursos naturais diferenciados. O formato e a extensão de cada colocação ganham configuração pela distribuição espacial do conjunto de estradas de seringa nela existente, tendo tamanho que varia entre 400 a 600 hectares. As colocações são categorizadas como de margem ou de centro, dependendo de sua localização em relação ao rio Tarauacá. Alguns grupos familiares Kaxinawá optam por fazer uso simultâneo de uma colocação de margem e outra de centro, aproveitando recursos naturais diversificados em nichos ecológicos diferentes e complementares. As colocações, portanto, constituem o principal locus de habitação permanente e de sociabilidade dos grupos extensos Kaxinawá.

Em 1994, os 195 Kaxinawá recenseados pelo GT ocupavam 24 casas, distribuídas em 18 colocações de cinco diferentes seringais. Além das duas aldeias mais antigas, Praia do Carapanã e Mucuripe, outras duas foram criadas nos últimos três anos, a saber, Goiânia e Morada Nova. Esta última, situada no seringal Pinheiro Machado, abriga o grupo familiar extenso da liderança Jorge Lemes Ferreira Ibã Kaxinawá, que, junto com outros chefes de família, decidiu se instalar no limite inferior da terra indígena, na margem esquerda do rio Tarauacá, com vistas a garantir a vigilância e integridade da parte antes menos povoada do território, contra as investidas de madeireiros e caçadores profissionais. Em 1996, 260 índios Kaxinawá, distribuídos em 49 grupos familiares, ocupavam 14 colocações espalhadas por seis seringais da terra indígena, segundo recenseamento feito pela Organização dos Povos Indígenas do Tarauacá e Jordão (OPITARJ).

Existem hoje 4 escolas na terra indígena, localizadas nas aldeias Morada Nova, Maspã Kaxinawá, Nossa Senhora de Fátima e São Francisco, atendendo a um público escolar de 87 crianças e adolescentes. Os professores recebem formação e apoio pedagógico da CPI-Acre, através do Projeto de Educação "Uma Experiência de Autoria". Três dos professores bilingües são contratados pela Secretaria de Educação do Estado do Acre. Há ainda 4 monitores de saúde e 3 agentes agroflorestais, em diferentes estágios de capacitação, também a cargo da CPI-Acre.

#### ATIVIDADES DE SUBSISTÊNCIA E COMERCIALIZAÇÃO

Cada grupo familiar Kaxinawá constitui uma unidade de produção e consumo. Seus membros trabalham para atender necessidades de subsistência e obter produtos comercializáveis, necessários à aquisição dos produtos industrializados indispensáveis à vida na floresta. Nas colocações, cada casa ocupada por um grupo familiar tem seu chefe, que reparte suas atribuições com sua esposa, decidindo conjuntamente a respeito da organização da casa, do uso de recursos naturais e da escolha de técnicas e processos usados nas várias atividades produtivas. Ambos jogam importante papel nas decisões a respeito dos casamentos de seus filhos e filhas, momentos importantes no reforço de alianças políticas junto a chefes de outros grupos familiares.

Os Kaxinawá diferenciam com precisão os trabalhos a cargo dos membros masculinos e femininos de seus grupos familiares, bem como os espaços, físicos e sociais, em que cada um dos cônjuges exerce sua ascendência. Dentre os trabalhos dos homens estão o cultivo e a limpeza dos roçados de terra-firme e de praia, o corte da seringa, as caçadas, o trabalho na diária, o fornecimento de lenha e a construção de casas e embarcações. São os homens as lideranças políticas nas esferas públicas, nas aldeias e nas cidades. As atividades realizadas pelas mulheres são a limpeza da casa, o preparo dos alimentos, o cuidado de bebês e crianças, a fiação do algodão, a confecção das tecelagens e do artesanato em barro, a limpeza do terreiro, a criação de galinhas e patos, o cultivo e manejo de hortas e árvores frutíferas, a lavagem de roupa e utensílios domésticos e, ainda, o suprimento de água potável. Homens e mulheres trabalham juntos no plantio e na colheita de alguns gêneros agrícolas dos roçados de terra-firme e de praia e participam de certas pescarias coletivas.

Os Kaxinawá priorizam combinações de atividades produtivas que maximizem a independência do grupo familiar em relação à maior parte dos alimentos de subsistência, oriunda dos roçados, da criação de animais domésticos, das pescarias, das caçadas e da coleta. A produção agrícola é pensada para atender o consumo dos integrantes do grupo familiar e das criações domésticas, bem como permitir o replantio na safra subsequente e os cotidianos processos de socialização de alimentos com outros grupos vizinhos. Atendidas estas necessidades

D.O.U. SJ (189)  
11/10/97 21.837

primordiais, a parte excedente da produção agrícola é vendida in natura, ou beneficiada, para a aquisição de produtos indispensáveis à vida na floresta.

Desde sua inserção na empresa seringueira, o corte da seringa constitui a principal atividade produtiva voltada para o mercado. Através da comercialização da borracha, cada grupo familiar Kaxinawá adquire bens industrializados nos barracões dos patrões e arrendatários dos seringais e nos barcos de regatões. Mais recentemente, com a profunda crise na economia da borracha, a criação e venda de animais domésticos também têm constituído importante alternativa para a obtenção desses bens.

Ao longo do ano, a divisão básica de tempo é marcada pela dicotomia inverno e verão, ou seja, a estação chuvosa e a estação da estiagem, respectivamente. A primeira se estende entre os meses de outubro a março e a segunda de abril a setembro. Nesta última, os Kaxinawá desenvolvem o "corte de verão". Em final de maio, diminuem o ritmo do corte e dão início aos cultivos de praia e aos preparos dos roçados de terra firme. Nos roçados de praia plantam diferentes qualidades de amendoim, milho, melancia, abóbora e feijão.

Numa dada situação no tempo, cada grupo familiar maneja simultaneamente três roçados de terra-firme: um com roça nova, outro com roça madura e um terceiro denominado de arrancador. Encerrado o plantio dos roçados de praia, procedem com diferentes atividades relacionadas com a abertura do roçado de terra-firme, a saber, o aceiro e a broca. Para agilizar estas etapas, o chefe de casa costuma organizar caçadas, pescarias e o preparo de comida e caçumas, para depois convocar adjuntos, chamando parentes e moradores de colocações vizinhas. Novos adjuntos são organizados na derrubada da floresta já brocada. Até meados de agosto, realizam a queima. Quando a vegetação não fica suficientemente seca, fazem coivaras e uma nova queima. Após o término da queima, ou da coivara, cultivam certos legumes, ainda com a cinza quente, para evitar a ação de predadores. Depois, plantam carreiras de bananeiras, que servem para delimitar quadras, nas quais, em sistema de consórcio, plantam diversas variedades de macaxeira, milho, algodão e batatas. Na terra-firme, plantam amendoim em roçados separados. Dois a três meses após o plantio dos roçados, torna-se necessário fazer uma primeira limpa para, com o uso do terçado e enxadas, retirar o capim e o mato baixo.

No verão, o rio Tarauacá e seus inúmeros igarapés afluentes permanecem secos e rasos, propiciando diversos tipos de pescarias, sobretudo, as pescarias coletivas de oaca. Após arrancadas e pisadas as folhas de oaca, os bolos são dissolvidos em poços, remansos e balseiros, locais onde ocorre maior concentração de peixes. Após essas pescarias, homens e mulheres reúnem-se na casa do dono da oaca para compartilhar refeições com peixe, macaxeira e caçumas. Nas pescarias abundantes, peixes são também defumados e salgados.

No verão, os Kaxinawá pescam também individualmente com linha e anzol. Grupos de homens e rapazes pescam de mergulho nos poços do rio Tarauacá com grandes anzóis e bicheiros. Em dias de águas claras, mergulham nas proximidades de pausadas e balseiros. O verão é a estação apropriada também para as pescarias nos lagos, geralmente realizadas por dois ou três homens de uma casa, ou de casas vizinhas. Nestas ocasiões pescam com tarrafas, espingardas e arco e flechas.

A partir de meados de outubro, é tempo de preparar novamente as estradas de seringa para a produção de borracha, dando início ao "corte de inverno". Antes de reiniciar o corte, são novamente obrigados a roçar, entigelar e empausar suas estradas. De novembro à janeiro, as freqüentes chuvas muitas vezes causam a perda do dia de corte. A produção de borracha se estende até dezembro.

Nos meses de inverno, de outubro à março, as caças engordam, porque caem muitas frutas maduras na floresta. Nesta época, os Kaxinawá caçam com maior freqüência, usando espingardas, pois torna-se mais fácil rastrear as pegadas dos animais silvestres na terra molhada. Para tal, os Kaxinawá utilizam diferentes estratégias de caçada, dentre as quais: a curso, com cachorro, nas estradas enquanto cortam seringa e, ainda, de espera (ou de tocaia) nos barreiros.

De dezembro à janeiro é o tempo da realização dos rituais e festas tradicionais ligadas ao ciclo agrícola, costumeiramente durante a colheita do milho verde. Ganha destaque o katxanáwa, ou mariri, ritual de nomeação de todas as plantas cultivadas nos roçados de terra firme e de praia. Neste mesmo período, realiza-se o nixpu pimá, rito de passagem através do qual meninos e meninas se tornam aptos a realizar plenamente a totalidade das atividades produtivas, respeitadas as normas relativas à divisão sexual e etária do trabalho na sociedade Kaxinawá.

De fevereiro à março é o período do auge das chuvas e das enchentes do rio Tarauacá, época em que o nível das águas sobe rapidamente, provocando fortes alagações. Nestes meses paralisa-se novamente a extração de seringa. É o período adequado à edificação de novas casas. Nas matas próximas às colocações, coleta-se praticamente todos os materiais de construção.

Nos anos 90, devido aos preços extremamente baixos da borracha, aliados à desarticulação das redes comerciais locais, a quase totalidade dos grupos familiares Kaxinawá optou por ocupar colocações situadas nas margens do rio Tarauacá. A reboque desta opção, têm comercializado borracha, gêneros agrícolas, animais domésticos e carvão junto aos regatões, que dispõem de bens industrializados, comprados a crédito nas lojas comerciais da cidade de Tarauacá. Nestas transações, os Kaxinawá são explorados no preço e no peso das mercadorias e de seus produtos. Muitos chefes dos grupos familiares optam por viajar até a sede do município, onde vendem seus produtos a pequenos comerciantes. Algumas dificuldades enfrentadas atualmente para lograr essa comercialização autônoma são a falta de barcos e motores próprios, bem como os altos custos necessários a estas viagens e à permanência na cidade.

#### MEIO AMBIENTE

Os solos existentes nesta região são classificados como Podzólico vermelho amarelo eutrófico e Cambissolo eutrófico. O relevo é do tipo suave ondulado de formação sedimentar com textura argilo-arenosa e sem rugosidade. Sua superfície apresenta uma cobertura vegetal predominante do tipo floresta ombrófila aberta, dominada por palmeiras, ocorrendo manchas de bambú e árvores emergentes.

A Terra Indígena Kaxinawá da Praia do Carapanã abrange conjuntos de nichos ecológicos diversos e complementares, nos quais os Kaxinawá fazem uso de recursos naturais diversificados, dentre os quais, rios e igarapés, terreiros, capoeiras de antigos roçados, seringueiras para a produção de borracha, terras-firmes para os roçados, praias e barrancos para os cultivos de verão, madeiras, palmeiras e enviras para a construção, bem como capoeiras e matas brutas, onde são encontradas inúmeras espécies florestais para uso cotidiano, tais como, fruteiras nativas, madeiras de lei, palmeiras, cipós, corantes, remédios e coagulantes.

Além de áreas para o extrativismo da seringa, as florestas densas da terra indígena também servem como territórios de caça para os grupos familiares Kaxinawá, nos quais são encontrados piques de caça e outros lugares propícios aos abate dos animais: barreiros, lugares de comida, cipois, matos cerrados e cabeceiras de grotas e igarapés. Nas matas das colocações das margens do rio Tarauacá existe farta disponibilidade de embiarias, ou caças pequenas, como pacas, cutias e coíaras, animais de rápido ciclo reprodutivo, que utilizam os roçados como importantes fontes de alimento. Dentre outras embiarias ali encontradas estão o jacú, nambú galinha, nambú azul, nambuzinha, juriti, arara, jacú, tatú, quatipurús, macaco soim, macaco da noite, capelão, guariba e zogue-zogue. As caças grandes são raras nas colocações de margem, sendo encontradas com relativa abundância nos fundos dos seringais, ao longo de importantes afluentes do rio Tarauacá e ao longo das terras dos divisores de águas que compõem os limites naturais da terra indígena. Dentre as principais caças grandes estão a anta, queixada, porquinho caititú e veado. Os lugares ainda ricos em caças grandes são as cabeceiras do paranã Lupuna e do igarapé Cujubim, este último já correndo para as águas do rio Gregório; as cabeceiras do igarapé Bentevi, afluente do paranã Lupuna; cabeceiras e curso do igarapé Minas; as cabeceiras do igarapé Balança, afluente do igarapé Consulta, que, por sua vez, coloca suas águas no paranã do Apuanã; e o igarapé Zé Brás, afluente do igarapé Chico Luís. É nestes locais que os Kaxinawá fazem caçadas de dormida quando necessitam juntar rancho para realizar adjuntos e/ou festas importantes.

No trecho do rio Tarauacá onde localiza-se a terra Kaxinawá, existem oito lagos naturais ainda em uso e outros dois já cerrados. Nos primeiros existem peixes de couro, peixes de escama, peixes de casco e insetos.

Todos esses diversificados ecossistemas e nichos ecológicos existentes na terra indígena são imprescindíveis para a atual e futura reprodução física e cultural dos grupos familiares Kaxinawá, na medida que permitem o uso sustentado de um conjunto de recursos naturais indispensáveis às suas atividades produtivas de



subsistência e voltadas para comercialização, bem como para a atualização de importantes traços de sua organização social e de sua cultura. Neste sentido, é de extrema importância a inclusão nesta terra indígena de toda a bacia do paranã Lupuna, bem como de partes das margens dos igarapés Minas e Apuanã.

A demora no prosseguimento do processo de regularização da terra indígena tem causado, além de conflitos entre os Kaxinawá e seringueiros e agricultores não-índios, graves prejuízos aos recursos naturais indispensáveis à vida da população indígena. Por outro lado, o abandono nos anos 90 das políticas governamentais de preços e de garantia de mercado para a borracha nacional, tem resultado em forte desarticulação da atividade gomífera nos altos rios acreanos, incentivando comerciantes, políticos e proprietários de seringais a empreender atividades de retirada ilegal de madeira-de-lei, especialmente, cerejeira, cedro e aguano (mogno). Nos últimos anos, gerentes, prepostos comerciais da PARANACRE, bem como moradores, ex-seringueiros e até mesmo comerciantes da cidade de Tarauacá, têm promovido retiradas de madeira-de-lei na terra indígena, principalmente, nos seringais Universo, Paquetá, Apuanã e Pinheiro Machado. O maior controle territorial exercido pelos Kaxinawá sobre os seringais de sua terra indígena implicou em diferenciadas tentativas de impedir a retirada de madeira-de-lei, bem como de caçadas com cachorro para fins comerciais e invasão de lagos por mariscadores profissionais, através de denúncias ao Posto Indígena da FUNAI, ao IBAMA e ao Sindicato dos Trabalhadores Rurais em Tarauacá. Estas iniciativas de defesa do seu território têm resultado em seguidos conflitos e ameaças de morte a lideranças e chefes de famílias Kaxinawá.

Também diante da crise da economia da borracha na região, moradores da cidade de Tarauacá têm organizado expedições prolongadas na terra indígena identificada, caçando com matilhas de cachorros e salgando carne para, junto com jabutis, vendê-la ilegalmente na cidade e/ou nos regatões. A intensificação dessas caçadas com fins comerciais tem contribuído para uma rarefação de certas espécies animais já escassas, bem como no comprometimento das fontes de alimento das futuras gerações da população Kaxinawá e da própria biodiversidade de suas florestas. Para matar caças grandes, os Kaxinawá são hoje obrigados a fazer caçadas de dormida nas cabeceiras e afluentes dos paranãs Lupuna e Apuanã, bem como nas cabeceiras dos igarapés Cujubim, Bentevi, Minas, Balança, Zé Brás e Chico Luís, todos localizados nos fundos e limites da terra indígena. A pesca predatória tem crescido significativamente nos últimos anos. Pescadores profissionais vêm invadindo lagos, paranãs e igarapés da terra indígena, fazendo uso de técnicas predatórias para a captura de grandes quantidades de peixes, que são vendidos, salgados ou congelados, na cidade de Tarauacá.

#### REPRODUÇÃO FÍSICA E CULTURAL

Os dados demográficos sobre a população Kaxinawá, que, ao longo do presente século, manteve-se em diferentes seringais do médio rio Tarauacá, são marcados pela descontinuidade. Na década de 20, o padre francês Constant Tastevin recenseou as populações indígena e não-indígena que habitavam os seringais do rio Tarauacá, acima da sede municipal. Tastevin (1926) relacionou a existência de 48 Kaxinawá no médio Tarauacá. Em 1975, no primeiro "survey" efetuado pela FUNAI no estado do Acre, o antropólogo Terri Valle de Aquino atestou a existência de 94 Kaxinawá no médio Tarauacá, habitando 14 casas distribuídas pelos seringais Pacujá, Penedo, Universo, Mucuripe, União e Atenas. Em 1986, a CPI-Acre recenseou uma população de 71 Kaxinawá, 11 grupos familiares, ocupando 6 colocações nos seringais Universo, Mucuripe e Pacujá.

Os dados populacionais tornam-se mais sistemáticos nos anos 90. O documento "Sobre a Demarcação da Área Kaxi do Carapanã", elaborado pelas lideranças, professores bilingües e agentes de saúde Kaxinawá, em 1990, relaciona 25 grupos familiares Kaxinawá no médio Tarauacá, com uma população total de 111 índios. Em início de 1992, o professor bilingüe Joaquim Paulo recenseou 22 grupos familiares, 120 Kaxinawá, que habitavam 21 casas distribuídas por 15 colocações dos seringais Universo, Apuanã e Mucuripe. Em outubro desse mesmo ano, assessor do projeto de educação da CPI-Acre informou da presença de 158 Kaxinawá nos seringais Mucuripe e Universo e no paranã Apuanã.

Em 1994, os 195 Kaxinawá recenseados pelo GT PP 1.204/93 ocupavam 24 casas, distribuídas por 18 colocações de 5 diferentes seringais. Além das duas aldeias mais antigas, Praia do Carapanã e Mucuripe, outras duas foram criadas nos últimos três anos, a saber, Goiânia e Morada Nova. Em 1996, 260 índios Kaxinawá, distribuídos em 49 grupos familiares, ocupavam 14 colocações espalhadas por seis seringais da terra indígena.

Os limites desta terra, cristalizados na proposta de delimitação, ganham fundamento, por um lado, na imemorialidade da ocupação dos seringais nela incidentes por grupos familiares Kaxinawá. A antigüidade da ocupação fica comprovada pela existência de capoeiras antigas, onde foram cultivados grandes roçados de terra-firme, e de vestígios de malocas habitadas pelos Kaxinawá antes dos primeiros contatos com seringueiros e caucheiros. Nestas capoeiras, são também encontrados machados de pedra e pedaços de artefatos domésticos confeccionados com barro queimado (potes, panelas e camburões). Existem, ainda, antigos cemitérios no paranã Lupuna e no igarapé Minas. Outros, constituídos ao longo das últimas décadas, situam-se nos seringais Universo e Mucuripe e no paranã Apuanã.

A proposta de limites da terra indígena leva em conta os processos migratórios e a ocupação de colocações ao longo da secular inserção dos grupos familiares indígenas nos seringais do médio rio Tarauacá. Os Kaxinawá traçam um contínuo histórico desta ocupação, desde o período em que começaram a trabalhar para seus primeiros patrões. Apesar das frequentes migrações forçadas, consideram esse conjunto de seringais do médio Tarauacá como seu território, que agora desejam ver reconhecido e regularizado pelo Estado brasileiro enquanto terra indígena.

A proposta de terra indígena elaborada pelos Kaxinawá incorpora, também, uma projeção que esses grupos familiares fazem a respeito de sua utilização produtiva, na atualidade e em tempos futuros, bem como da própria reprodução social e cultural de seu povo. Leva em consideração, por um lado, o vigoroso crescimento vegetativo de sua população, a constituição de novos grupos familiares através de casamentos, bem como a entrada de grande número de rapazes e crianças nos processos produtivos inerentes às atividades extrativistas e agrícolas. Por outro lado, contempla a existência de espaço suficiente para permitir o processo em curso de reagrupamento nesta terra indígena de famílias de parentes, relacionadas por laços de consangüinidade e afinidade, que hoje encontram-se espalhados em outros seringais do rio Tarauacá e em diferentes terras indígenas dos municípios de Tarauacá e Jordão. Com a identificação desta terra indígena, e seu inicial reconhecimento pela FUNAI, tem se intensificado a chegada de grupos familiares Kaxinawá advindos do rio Jordão, alto Tarauacá, igarapé do Caucho, Colônia 27 e rio Humaitá, todos localizados na bacia do rio Tarauacá.

#### LEVANTAMENTO FUNDIÁRIO

A Terra Indígena Kaxinawá da Praia do Carapanã incide sobre quatro seringais nativos (Universo, Cocameira, Pinheiro Machado e Mucuripe), bem como sobre partes de outros quatro (Minas, Paquetá, Apuanã e União).

Os censos feitos pelos membros do GT PP 1.204/93, junto com o preenchimento dos Laudos de Vistoria e Avaliação de benfeitorias (LVA), revelaram a existência de 299 ocupantes não-índios, distribuídos por 42 casas e 33 colocações localizadas em sete dos oito seringais incidentes na terra indígena. Desses 37 grupos familiares, apenas quatro tem seus imóveis cadastrados no INCRA: três no seringal Cocameira e um no seringal Universo.

Com base nos LVA's devidamente arrolados no relatório circunstanciado de identificação, a indenização de todas as benfeitorias feitas de boa-fé pelas 42 famílias de ocupantes não-índios importaria no valor total de UFIR's 68.351,74, de acordo com as tabelas fornecidas pela EMATER e pela agência do Banco da Amazônia em Tarauacá.

Os membros dessas famílias têm conhecimento de que as colocações que ocupam incidem na terra indígena identificada. Ao longo das décadas de 80-90, presenciaram diferentes mobilizações dos Kaxinawá, quando dos enfrentamentos com representantes da PARANACRE, bem como com madeireiros, caçadores e pescadores profissionais. Alguns desses ocupantes têm promovido a retirada de madeira de lei e a caça para fins comerciais, dilapidando recursos que serão de suma importância para a reprodução futura do povo Kaxinawá.

É recomendável, ainda, que sejam encontradas alternativas para assegurar o reassentamento desses grupos familiares de seringueiros acreanos em áreas de seringais nativos, permitindo-lhes continuar morando na floresta e atualizar formas tradicionais de ocupação territorial, de subsistência e de inserção na economia local. Importante

D.O.U.  
11/10/97

21.837

alternativa para garantir este reassentamento abriu-se com o início dos trabalhos pelo CNPT-IBAMA para a eleição da Reserva Extrativista do Alto Tarauacá, incidente nos Municípios de Tarauacá e Jordão.

D.O.U.  
1/10/97  
KSC

21838

**DELIMITAÇÃO E CONCLUSÃO**

A proposta de identificação e delimitação da Terra Indígena Kaxinawá da Praia do Carapanã, com área aproximada de 61.307 hectares e perímetro também aproximado de 173.323 metros lineares, foi cristalizada a partir de reivindicação de lideranças, professores, agentes de saúde e demais chefes de grupos familiares Kaxinawá, por ocasião de reunião promovida durante os trabalhos do GT PP 1.204/93. Com base nos estudos de natureza etno-histórica, sociológica, jurídica, cartográfica e ambiental, bem como no levantamento fundiário realizado a nível local e no Cartório de Registro de Imóveis da Comarca de Tarauacá, essa proposta contou com o acolhimento dos participantes do referido GT.

A proposta de identificação e delimitação apresentada pelo GT PP 1.204/93 atende aos requisitos estabelecidos pelo artigo 231, § 1º, da Constituição Federal, pelo Decreto Nº 1.775, de 08/01/96, e pela Portaria Nº 14, de 09/01/96. A terra indígena identificada é inmemorialmente ocupada pelos Kaxinawá, que hoje a habitam e usam produtivamente de forma permanente. Essa terra indígena contém as áreas imprescindíveis à preservação dos recursos ambientais necessários ao bem estar e à reprodução física e cultural dessa população indígena, segundo seus usos, costumes e tradições.

TERRI VALLE DE AQUINO  
Antropólogo DID/DAF

MARCELO PIEDRAFITA IGLESIAS  
Antropólogo Convidado

**DIRETORIA DE ASSUNTOS FUNDIÁRIOS - DAF  
DEPARTAMENTO DE DEMARCAÇÃO - DEM**

**Memorial Descritivo De Delimitação**

Denominação  
Terra Indígena Kaxinawá da Praia do Carapanã  
Grupo Indígena  
Kaxinawá  
Localização

Município : Tarauacá

Estado : Acre

Administração Regional: ADR de Rio Branco

**Coordenadas dos Extremos**

Extremos	Latitude	Longitude
Norte :	08°17'47" S	71°33'14" Wgr.
Leste :	08°19'01" S	71°11'15" Wgr.
Sul :	08°34'22" S	71°19'54" Wgr.
Oeste :	08°24'58" S	72°32'46" Wgr.

**Base Cartográfica**

Nomenclatura	Escala	Órgão	Ano
SC-19-V-A-I; SC-19-V-A-II; SC-19-V-A-V	1:100.000	D S G	1986

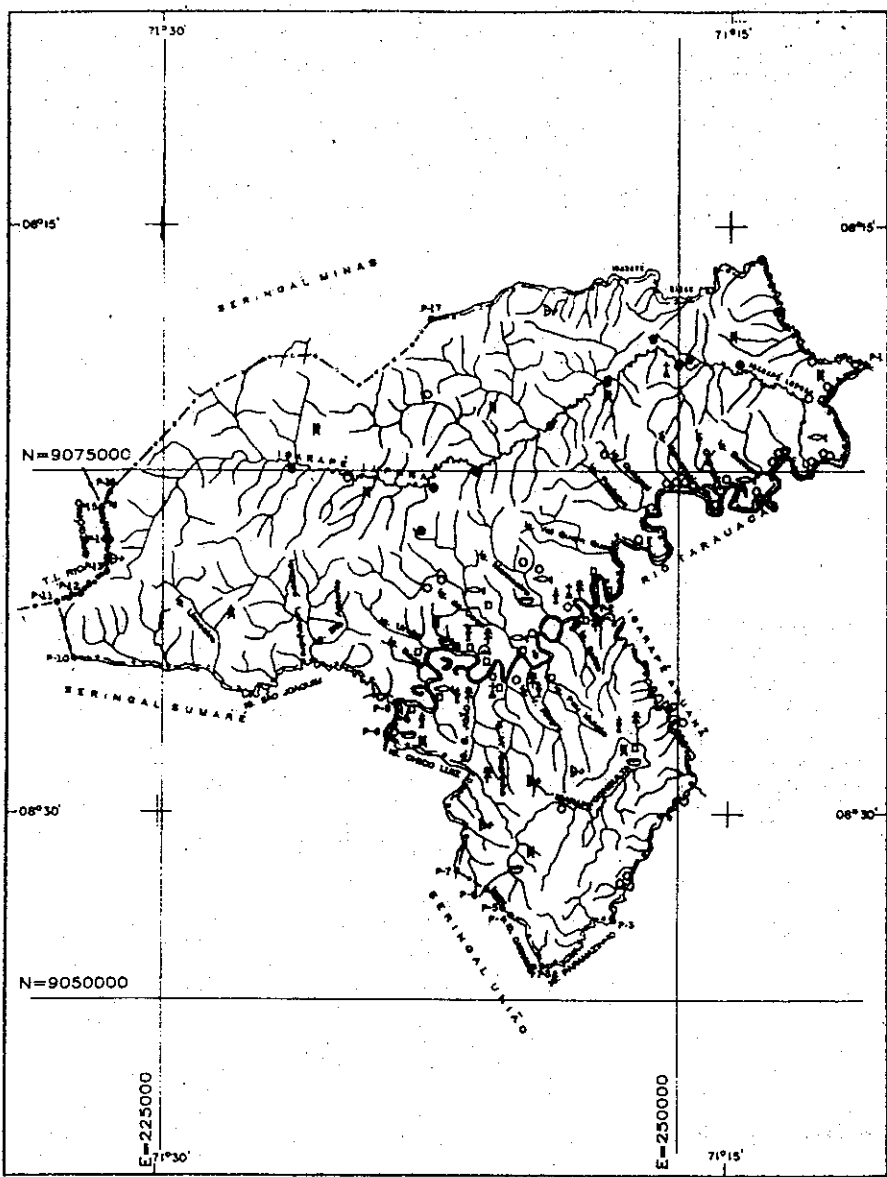
**Dimensões**

Superfície : 61.307 ha (sessenta e um mil, trezentos e sete hectares) aproximadamente.  
Perímetro : 173 km (cento e setenta e três quilômetros) aproximadamente.

**Descrição do Perímetro**

NORTE: Partindo do Ponto P-15, de coordenadas geográficas aproximadas 08°22'34" S e 71°31'26" Wgr., localizado na confluência do igarapé Cojubim com o igarapé sem denominação, divisa da demarcação da Terra Indígena Rio Gregório; daí, segue pelo igarapé sem denominação, a montante, por sua margem esquerda, confrontando-se com o seringal Minas, até o Ponto P-16, de coordenadas geográficas aproximadas 08°22'10" S e 71°31'14" Wgr., situado na cabeceira do referido igarapé; daí, segue pelo divisor de águas em linha seca, confrontando-se com o seringal Minas, até o Ponto P-17, de coordenadas geográficas aproximadas 08°17'47" S e 71°33'14" Wgr., localizado na cabeceira do igarapé Minas; daí, segue por este, a jusante, pela sua margem direita, confrontando-se com o seringal Minas, até o Ponto P-1, de coordenadas geográficas aproximadas 08°19'01" S e 71°11'15" Wgr., localizado na sua confluência com o rio Tarauacá. LESTE: do ponto antes descrito, segue pela margem esquerda do rio Tarauacá, a montante, até o Ponto P-2, de coordenadas geográficas aproximadas 08°25'10" S e 71°18'33" Wgr., localizado na sua confluência com o igarapé Apanã; daí, segue pelo referido igarapé, a montante, por sua margem esquerda, até o Ponto P-3, de coordenadas geográficas aproximadas 08°33'13" S e 71°17'59" Wgr., localizado na sua confluência com o igarapé Paranazinho. SUL: do ponto antes descrito, segue pelo igarapé Paranazinho, a montante, por sua margem esquerda, até o Ponto P-3A, de coordenadas geográficas aproximadas 08°34'22" S e 71°19'54" Wgr., localizado na sua confluência com o igarapé Carnaúba; daí, segue pelo referido igarapé, a montante, por sua margem esquerda, confrontando-se com o seringal União até o Ponto P-4, de coordenadas geográficas aproximadas 08°33'03" S e 71°20'45" Wgr., situado na cabeceira do igarapé Carnaúba; daí, segue por uma linha reta, confrontando-se com o seringal União até o Ponto P-5, de coordenadas geográficas aproximadas 08°32'53" S e 71°20'58" Wgr., localizado na cabeceira de um igarapé sem denominação; daí, segue por este, a jusante, pela sua margem direita, confrontando-se com o seringal União, até o Ponto P-6, de coordenadas geográficas aproximadas 08°32'23" S e 71°21'24" Wgr., localizado na sua confluência com o igarapé Consulta; daí, segue por uma linha reta, confrontando-se com o seringal União, até o Ponto P-7, de coordenadas geográficas aproximadas 08°31'54" S e 71°22'09" Wgr., localizado na cabeceira do igarapé Chico Luiz; daí, segue por este, a jusante, pela sua margem direita, até o Ponto P-8 de coordenadas geográficas aproximadas 08°28'24" S e 71°23'56" Wgr., localizado na sua confluência com o rio Tarauacá; daí, segue pela margem direita do rio Tarauacá, a jusante, até o Ponto P-9, de coordenadas geográficas aproximadas 08°27'34" S e 71°23'42" Wgr., localizado na confluência pela sua margem esquerda com o igarapé São Joaquim; daí, segue pelo referido igarapé, a montante, por sua margem esquerda, até o Ponto P-10, de coordenadas geográficas aproximadas 08°26'24" S e 71°32'10" Wgr., localizado nas cabeceiras do igarapé São Joaquim. OESTE: do ponto antes descrito, segue por uma linha reta, sentido noroeste, confrontando-se com o seringal Sumaré, até o Ponto P-11 (M-86), de coordenadas geográficas 08°24'58,820" S e 71° 32'46,432" Wgr., situado na divisa demarcada da Terra Indígena Rio Gregório; daí, segue pela referida divisa com os seguintes azimutes e distâncias: 75°03'58" e 1.448,32 metros, até o Ponto P-12 (M-88), de coordenadas geográficas 08°24'46,974" S e 71°32'00,635" Wgr., 50°16'27" e 1.729,42 metros, até o Ponto P-13 (M-90), de coordenadas geográficas 08°24'11,296" S e 71°31'16,948" Wgr., 04°19'36" e 1.511,58 metros, até o Ponto P-14 (M-92) de coordenadas geográficas 08°23'22,286" S e 71°31'12,906" Wgr.; daí, segue ainda pela divisa da Terra Indígena Rio Gregório, por uma linha seca até o Ponto P-15, inicial da descrição deste perímetro. Técnico responsável pela identificação dos limites: Erasmo Belucci, CREA/AC 014/D.

D.O.U.  
1/10/97  
21838



SINAIS CONVENCIONAIS:

- Aldeia Indígena
- Campesinato
- Campesinato Abandonado
- Ocup. Ocúp. por Índios
- Coteira de Barragem
- Plantação e Cultura
- Ocup. Ocúp. por Residentes
- Demarcação descontínua
- Terra Indígena demarcada
- Lago
- Barragem
- Diga
- Passo
- Represa

<p>MINISTÉRIO DA JUSTIÇA FUNDAÇÃO NACIONAL DO ÍNDIO — FUNAI DIRETORIA DE ASSUNTOS FUNDIÁRIOS — DAF</p>			
DENOMINAÇÃO:		DELIMITAÇÃO	
TERRA INDÍGENA KAXINAWÁ DA PRAIA DO CARAPANÁ		ÁREA APROXIMADA:	PERÍMETRO APROXIMADO:
MUNICÍPIO:		81.307 ha	172.323 m
ESTADO:		ESCALA:	DATA:
PRANACÁ		1/250 000	15/08/95
UF:	ADR:	PROCESSO Nº:	BASE CARTOGRAFICA:
ACRE	RIO BRANCO		POURIS 32-1985-4 35-1288
RESPONSÁVEL PELA ELABORAÇÃO DOS LANCES:	RESPONSÁVEL PELA ELABORAÇÃO DOS LANCES:	MUNICÍPIO:	PORTARIA Nº:
			PP N. 1 204 25/11/83

(Of. nº 732/97)